



Expresso

24-01-2015

Periodicidade: Semanal

Classe: Informação Geral

Âmbito: Nacional

Tiragem: 131300

Temática: Cultura

Dimensão: 352

Imagem: N/Cor

Página (s): 89



BRAHMS: CONCERTOS PARA PIANO, Nº 1 E 2

Leonskaja (p), Rubikis (d), Orquestra Gulbenkian
Gulbenkian, Lisboa, dia 16

O programa era raro e suculento: os dois concertos para piano de Brahms com a grande Elisabeth Leonskaja. Percebe-se porquê: iriam ser gravados. Tal como na semana anterior com Radu Lupu e David Afkham, associou-se a experiência à juventude, desta vez com o maestro letão Ainars Rubikis. Extraordinário como um país de dois milhões de habitantes dá tantos músicos ao mundo: maestros como Mariss Jansons, Andris Nelsons, violinista Gidon Kremer (também maestro), cantoras como Elina Garanca, Kristine Opolais, Marina Rebeka. Quanto às obras, são os mais imponentemente sinfónicos concertos para piano do repertório, separados por vinte anos e muito diferentes entre si. A abrir, esperei o pior: nunca tinha ouvido o Maestoso do "Nº 1" tão lento e espremido, tão desarticulado e pouco fluido. Onde estava a fúria? Depois as coisas melhoraram, até porque Leonskaja é uma excelsa intérprete de Brahms e contagiou a orquestra. A entrada do piano neste concerto já foi igualada a um arioso das Paixões de Bach! A substância do concerto é a tragédia monumental dos Schumanns: o colapso mental de Robert, o grande

mentor de Brahms, e o amor (sublimado) deste por Clara, declarado de forma inequívoca no belíssimo Adagio. Por esta altura já o talentoso Rubikis tinha entrado no espírito da obra, embalado pelas mãos grandes da pianista, quais asas esvoaçando sobre o teclado. Jovens maestros não têm de provar que são bons dançarinos; como mostraram Strauss, Klemperer, Böhm, Kleiber, 'Less Is More'. O "Concerto Nº 2" é ainda mais extraordinário (e difícilimo para o piano). Que novidade esta de abrir as três guas — nos concertos de Brahms nunca há hostilidade entre piano e orquestra — com a trompa, a que o piano responde quase em eco, completando a frase! Tudo é perfeito e uno ao longo da obra, não se notando a mínima clivagem entre a solista e a comunidade dos restantes músicos. Desta vez Brahms, parece que irritado com as tropelias que uma pianista teria feito ao seu "Nº 1", quis compor um concerto tão enérgico que estaria fora do alcance de qualquer mulher. Não contava com Leonskaja, que por baixo do seu balandrau preto esconde uma determinação e uma potência capazes de se medirem com as de qualquer homem. O *Allegro appassionato* — um *scherzo* — tem que se lhe diga! Mas o *Andante*, dominado pelo lamento dos violoncelos (admirável Maria José Falcão) e sublinhado pela corda percutida dos contrabaixos, é de chorar por mais. Depois, não admira que o saltitante *Allegretto delizioso* — que põe todos a dançar — tenha sido repetido em extra, tanto mais que beneficiou de uma direção muito clara e dinâmica de Rubikis. / JORGE CALADO